

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

n. 19, n. 1

ENTRE ARTE E VIVÊNCIA: RotaESUDA em Minas Gerais

Ingrid Moura WANDERLEY¹

Liliana ADRIÃO²

Amanda VILANOVA³

Cláudia TAVARES⁴

Apresentação

Por: *Cláudia Tavares*

“Os montes eram azuis. A distância chamava. Tudo era belo, belo. E eu não sabia que era feliz”
(Carlos Drummond de Andrade)

Este artigo surge do encantamento de professores e alunos dos cursos de arquitetura e urbanismo e design de interiores da Faculdades Esuda durante a aula de campo em Belo Horizonte em junho de 2024 (RotaESUDA em Minas Gerais). Tal qual uma agradável lembrança, revivemos nessa escrita os momentos marcantes dessa experiência em Minas Gerais. Assim, partimos de três olhares diferentes para compor o artigo. Inicialmente Ingrid Moura Wanderley apresenta o olhar artístico através dos azulejos que embelezam as obras do Complexo da Pampulha e do Grande Hotel em Ouro Preto, os ladrilhos hidráulicos do Edifício Oscar Niemeyer na praça Sete de Setembro e uma visão geral da galeria de Adriana Varejão em Inhotim. No segundo texto Amanda Vila Nova trata do olhar histórico sobre as cidades visitadas: Belo Horizonte, Ouro Preto, Tiradentes e Brumadinho. Liliana Adrião encerra o artigo com o texto sobre a experiência da aula de campo.

¹ Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/Universidade de São Paulo. Professora da ETE Miguel Batista, colaboradora do PPGDesign Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e-mail: ingridmwy@gmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU) da Universidade Federal de Pernambuco. Faculdade de Ciências Humana – ESUDA, e-mail: lilianaadriao@esuda.br

³ Doutoranda pela Faculdade de Arquitetura de Lisboa. Professora da Faculdade de Ciências Humana – ESUDA, e-mail: amandavilanova.arg@gmail.com

⁴ Mestre pelo Mestrado Profissional em Design – MPD, Cesar School. Especialista em Design de Interiores e Iluminação (IPOG), Faculdade de Ciências Humana – ESUDA, e-mail: coord.arquitetura@esuda.edu.br

O OLHAR ARTÍSTICO ATRAVÉS DOS AZULEJOS: ENTRE O MODERNO E O CONTEMPORÂNEO.

Por: Ingrid Wanderley

Gostaria de iniciar esse ensaio com uma homenagem ao moderno brasileiro comentando sobre os azulejos do Conjunto Moderno da Pampulha, conjunto arquitetônico, artístico e paisagístico em Belo Horizonte, Minas Gerais. O complexo da Pampulha, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e construído entre 1942 e 1943, foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Mundial em 2016. Fazendo jus à essência do moderno, o complexo foi concebido como uma obra de arte total, integrando a arquitetura, a paisagem, a escultura e a pintura.

Em Pampulha, tanto na capela franciscana como nos outros edifícios projetados por Niemeyer, a casa de Baile (hoje Centro de Referência em Urbanismo, Arquitetura e Design de Belo Horizonte), o Cassino e o late Clube estão presentes os azulejos sugerindo um elemento unificador que confere unidade plástico-visual às superfícies.

Cândido Portinari é o autor do painel externo da igreja de São Francisco de Assis por encomenda de Oscar Niemeyer. A obra data dos anos de 1943/44, é considerada uma obra muito importante no campo da azulejaria artística. O painel, que acompanha a estrutura arquitetônica da igreja na sequência de quatro arcos, é uma composição de azul e branco, porém, com forte caráter narrativo, numa linguagem expressionista, dramatizando passagens da vida do santo de Assis. Nota-se forte influência picassiana, uma vez que o artista teve contato in loco com a Guernica de Picasso, no Museu de Arte Moderna de Nova York, em 1941 (MORAIS, 1988).

Figura 1: Igrejinha da Pampulha. Figura 2: Interior da Igrejinha da Pampulha



Fontes: Beatriz Nascimento e Ingrid Wanderley, 2024. Editada pelos autores.

O interior da igreja também recebe obras de Portinari: um painel ao fundo do altar, em têmpera e outras composições com azulejos; no púlpito, vemos São Francisco falando aos pássaros, enquanto aves voam ao redor e pessoas observam; outro painel, no confessionário e batistério, mostra Jesus nas águas do Rio Jordão, grupos de anjos e pastores com ovelhas. Em consequência do clima criado - uma pintura intensamente expressionista, com estilo magro cortante e desenho áspero e agressivo – o arcebispo mineiro à época, Dom Antônio Cabral, não gostou da pintura e tentou embargá-la. O Serviço do Patrimônio Histórico e Nacional tombou a igreja como patrimônio da nação brasileira, para evitar que a obra fosse destruída ou retirada dali (MORAIS, 1988).

A igreja, apesar de ser considerada como a obra-prima do conjunto, recebeu muitas críticas dentro do ambiente cultural tradicional da cidade, e especialmente das autoridades eclesiásticas, que por 14 anos não permitiram a consagração da capela, devido, entre outras coisas, a sua forma pouco ortodoxa. Esta forma representa um uso completamente revolucionário do concreto para obras religiosas. Vale destacar que Athos Bulcão trabalhou como estagiário na execução desses painéis da Igreja de São Francisco de Assis. Depois Athos vai se tornar o grande nome da azulejaria moderna brasileira.

Segundo Alexandre Mancini, artista plástico mineiro, nome importante na azulejaria brasileira, os azulejos que embelezam a Casa do Baile, o late Tênis Clube e o Museu de Arte da Pampulha são verdadeiros ícones de Belo Horizonte. Entretanto, sua história é relativamente pouco conhecida e com algumas versões sobre sua origem e autoria. A autoria dos azulejos geralmente é atribuída a Paulo Werneck, grande artista muralista. Porém, segundo a pesquisadora Eliana Mello, nesse projeto Werneck teve a missão de passar o desenho de azulejos já existentes para o papel, de forma que pudessem ser reproduzidos. A produção ficou a cargo da Osirarte, ateliê de Paulo Rossi Osir. Ainda segundo Mancini, na Igreja Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, no Rio de Janeiro, se encontram azulejos com esse mesmo padrão. Contudo, a origem dos azulejos está na França, especificamente em uma fábrica chamada Faiencerie Choisy-le-Roi. Há um catálogo datado da virada do Século XIX para o XX onde consta o padrão que, futuramente, foi utilizado na obra moderna e emblemática de Niemeyer.

Figura 3: Azulejo da Casa do Baile. Figura 4: Casa do baile detalhe da marquise e pilotis. Figura 5: Jardim da casa do baile.



Fontes: Ingrid Wanderley, Beatriz Nascimento e Julia Wetters, 2024. Editada pelos autores.

Na praça Sete de Setembro, no centro de Belo Horizonte se localiza o Edifício Oscar Niemeyer com sua estética curvilínea orgânica, uma verdadeira maravilha vista da praça. É interessante destacar nesta obra o ladrilho hidráulico feito pelo Athos Bulcão, a convite de Niemeyer. O ladrilho reveste a fachada entre as marquises curvas acompanhando o formato externo do prédio. O motivo do ladrilho é extremamente simples, como comum no trabalho do Athos, um quadrado preto sobre um fundo branco, a colocação e assentamento do ladrilho é responsável pela textura criada.

Figura 6: Edifício Niemeyer.



Fonte: Graziela Gattás, 2024. Editada pelos autores.

Em Ouro Preto, visitamos o Grande Hotel Ouro Preto, projetado por Oscar Niemeyer em 1938, o hotel é um dos primeiros exemplares da arquitetura modernista no Brasil aplicados a uma edificação hoteleira. Sua estrutura inovadora contrasta com o conjunto colonial da cidade, mas, ao mesmo tempo, dialoga com a paisagem histórica ao utilizar materiais locais e integrar-se ao relevo. O edifício se destaca pelos pilotis, amplas varandas, fachadas envidraçadas e uma volumetria que respeita a inclinação do terreno, proporcionando uma vista privilegiada da cidade.

Em “Minha arquitetura”, Niemeyer afirma sobre o Hotel: “Um projeto que me cabe também explicar é o Hotel de Ouro Preto, cidade antiga, a mais importante do nosso período colonial. Nela era preciso construir um hotel, e o SPHAN decidiu que o caminho certo era uma obra moderna, que marcasse o contraste entre a nova e a velha arquitetura.” Em termos de linguagem arquitetônica, o hotel possui “...reminiscência dos velhos tempos, treliças nas varandas e o prédio caiado de branco na boa tradição portuguesa”. Talvez não alheio a essa tradição portuguesa, os azulejos aparecem timidamente na fachada principal do Hotel, na área externa da piscina. Pouco se sabe sobre a autoria do desenho desse azulejo. Contudo, lembra o motivo dos azulejos da Casa de Baile e late Clube da Pampulha: motivo único em azul sobre fundo branco em composição repetida. Porém, infelizmente os azulejos do Grande Hotel se encontram desbotados, precisando de restauração.

Figura 7: Grande Hotel Ouro Preto. Figura 8: Jardins do Grande Hotel.



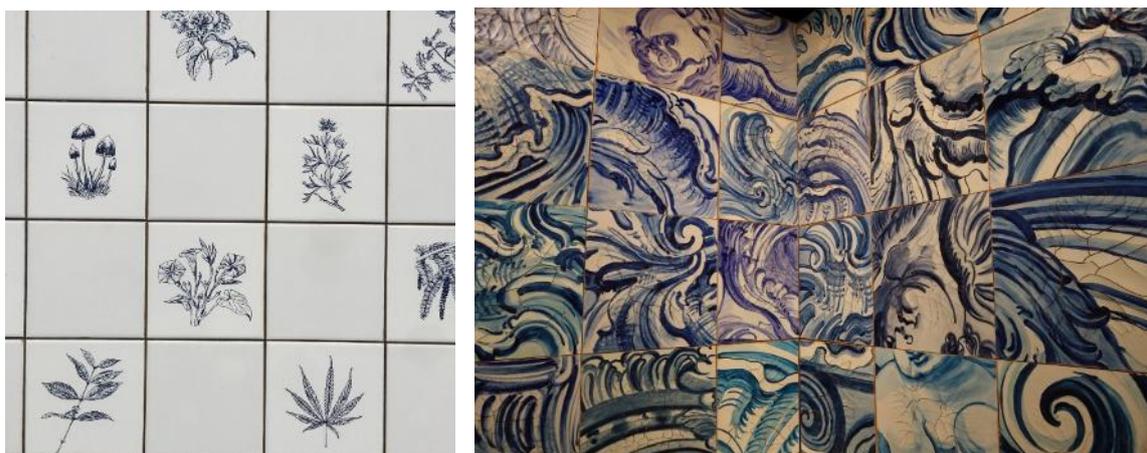
Fontes: Julia Wetters e Graziela Gattás, 2024. Editada pelos autores.

Finalizando nossa aula de campo, no último dia visitamos o Instituto Inhotim, um museu de arte contemporânea e Jardim Botânico, localizado em Brumadinho (MG). Inhotim é um museu a céu aberto que promove experiências imersivas e transformadoras ao integrar arte e natureza. Lá visitamos diversas galerias, entre

elas a Galeria de Adriana Varejão. A obra *Panacea Phantastica* reveste um banco na entrada da Galeria, é uma obra composta por azulejos que retratam 50 espécies de plantas alucinógenas, concebida entre 2003 e 2008.

Na primeira sala da galeria está *Celacanto provoca maremoto*, uma obra de arte da artista brasileira, criada entre 2004 e 2008. A obra é composta por 184 azulejos portugueses com a superfície craquelada, que se assemelham a uma grande onda ou maremoto. Adriana Varejão tem como ponto de partida a azulejaria barroca portuguesa, em que o jogo de formas, volumes e sombras é recorrente nesse estilo artístico. Nessa obra, quatro paredes com 184 azulejos, feitos em óleo e gesso sobre tela, com a superfície craquelada dando ideia da passagem do tempo, são montados de maneira desordenada, a produzir a aparência de uma grande onda, um maremoto. O título da obra remete às pichações encontradas no Rio de Janeiro, na década de 1970, feitas por Carlos Alberto Teixeira, que se inspirou na frase que ouviu na série japonesa *National Kid*, e que teve grande repercussão na época.

Figura 9: Azulejos Adriana Varejão - *Panacea Phantastica*. Figura 10: *Celacanto*.



Fontes: Ingrid Wanderley e Graziela Gattás, 2024. Editada pelos autores.

Em entrevista, a artista comenta que essa obra também tem certa relação com um “sarrabulho” que a onda forte pode dar na gente. Algo bem comum ao cotidiano de quem frequenta as praias com ondas fortes do Rio de Janeiro, sua cidade. Dessa maneira a obra também está ligada ao mar.

Linda do Rosário (2004), outra obra que compõe a galeria, traz em sua superfície a referência de azulejos comuns, com quadrados de cerâmica branca, recorrentes em ambientes assépticos, como banheiros e cozinhas. Visceras pintadas, saem do interior dessa parede arruinada – uma característica da série *Charques*, produzida desde os anos 2000. Nestas esculturas, a arquitetura se associa ao corpo, e a matéria de construção se torna carne. A artista toma como ponto de partida o desabamento do Hotel *Linda do Rosário*, no centro do Rio de Janeiro, em 2002, e o mistério romântico idealizado sobre dois hóspedes, com a história dos amantes que

escolheram permanecer no hotel casal, que mesmo avisados do iminente desmoronamento do edifício teriam escolhido permanecer no quarto.

A obra *O colecionador* (2008) faz parte da série Saunas, que aborda a relação sensual e erótica desses espaços. Adriana Varejão deixa de lado os azulejos barrocos portugueses e parte para a representação das peças de cerâmica monocromática, recorrentes na construção de espaços assépticos. A pintura evoca uma falsa arquitetura, fazendo um jogo de perspectiva com uma sauna sem público, mas preenchida por azulejos, em disposição simétrica. O trabalho estabelece forte relação com a arquitetura da galeria, não só pela sua escala que mimetiza e dá continuidade ao ambiente interno da galeria, mas também pela sobreposição dos planos.

No terraço da galeria se encontra a obra *Passarinhos – de Inhotim a Demini* (2008) exposta a céu aberto, revestindo os bancos presentes. Os azulejos pintados à mão são suporte para reproduções individuais de mais de 490 pássaros de diversas espécies. A obra é um desdobramento da instalação *Pássaros da Amazônia* (2003), que foi apresentada na exposição “Yanomami – o espírito da floresta” realizada na *Fondation Cartier pour l’Art Contemporain* (França), em 2003. O trabalho é o resultado da vivência da artista Adriana Varejão na aldeia Watoriki, que fica na região do rio Demini, na terra indígena do povo Yanomami. Aqui foram adicionadas representações de espécies típicas da região de Brumadinho, a partir de pesquisas em colaboração com a equipe do Jardim Botânico do Inhotim.

Figura 11: *Passarinhos – de Inhotim a Demini*. Figura 12: *Linda do Rosário*. Figura 13: *O colecionador*.



Fonte: Ingrid Wanderley, 2024. Editada pelos autores.

Assim, acredito que os azulejos são mais do que simples revestimentos; são fragmentos de memória, núcleos impressos no tempo, diálogos silenciosos entre o passado e o presente. Cada painel, cada peça, cada padrão e cada cor contam histórias que atravessam séculos, conectando culturas e sensibilidades. Ao contemplá-los, não vemos apenas superfícies decoradas, mas os vestígios de uma arte que molda espaços e inspira olhares. Que esses mosaicos sigam refletindo luz, beleza e tradição, perpetuando sua essência na arquitetura e na alma dos lugares que revestem.

O OLHAR HISTÓRICO

Por: Amanda Vila Nova

A aula de campo não se limitou a um exercício acadêmico, foi uma imersão na história da arquitetura e no urbanismo, possibilitando uma maior compreensão sobre os processos de ocupação, transformação e preservação do patrimônio cultural mineiro. Cada cidade visitada revelou diferentes camadas do passado, evidenciando a relação entre as dinâmicas históricas e as práticas arquitetônicas que moldaram o ambiente construído ao longo das décadas.

O percurso histórico iniciado em Belo Horizonte permitiu compreender as origens da primeira cidade planejada do Brasil e sua conexão com o ideário modernista. Em seguida, Ouro Preto com um mergulho na arquitetura colonial e na importância do ciclo do ouro para a formação urbana e artística local. A visita a Brumadinho com destaque para o Instituto Inhotim como espaço de diálogo entre arte contemporânea e natureza. Por fim, Tiradentes com a preservação e a tradição coexistindo com o turismo e as demandas do tempo presente.

A cidade Planejada de Belo Horizonte e o Modernismo Mineiro

A criação de Belo Horizonte em 1897 representou um marco no urbanismo brasileiro ao ser planejada como a nova capital de Minas Gerais, em substituição a Ouro Preto. Inspirado nos princípios positivistas e nos ideais modernizadores da virada do século XIX para o XX, o projeto urbano elaborado pelo engenheiro Aarão Reis incorporou a racionalidade geométrica, com avenidas largas e um traçado ortogonal, refletindo a busca pelo progresso e pelo afastamento do passado colonial (ABREU, 2010).

A consolidação do modernismo mineiro teve um de seus pontos altos na década de 1940 com a criação do Conjunto Arquitetônico da Pampulha. Idealizado pelo então prefeito Juscelino Kubitschek e projetado por Oscar Niemeyer, o conjunto foi concebido como um polo de lazer e cultura que se afastava dos padrões arquitetônicos tradicionais. O projeto incorporou a inovação formal das curvas e superfícies livres, características marcantes das obras de Niemeyer, e contou com a participação de Burle Marx no paisagismo, além de painéis de Cândido Portinari e esculturas de Alfredo Ceschiatti. A Igreja de São Francisco de Assis, marco do conjunto, provocou debates por romper com a estética religiosa tradicional, mas hoje é considerada um ícone do modernismo no Brasil. A Pampulha foi reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 2016, reforçando sua importância no cenário arquitetônico e urbano mundial.

A arquitetura Colonial de Ouro Preto

Ouro Preto, antiga Vila Rica, é um dos principais símbolos do barroco brasileiro e testemunha do período colonial. Com um traçado urbano orgânico adaptado ao relevo acidentado e de igrejas ornamentadas com talha dourada e azulejaria portuguesa evidenciam a riqueza e o poder da região durante os séculos XVII e XVIII (BASTOS, 2007). Nesta visita, foi possível revisitar a arquitetura colonial e compreender a importância do ciclo do ouro. Deste modo, a cidade apesar das transformações ao longo do tempo, mantém os traços do passado, sendo tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1938 e reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 1980 (FONSECA, 2012).

A relevância histórica e cultural de Ouro Preto foi intensificada a partir das décadas de 1930 e 1940, com o início das ações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sob a coordenação de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Os estudos e levantamentos realizados pelo arquiteto Lúcio Costa desempenharam papel fundamental na compreensão da importância do conjunto arquitetônico da cidade. Costa não apenas destacou o valor artístico e urbanístico de Ouro Preto, mas também estabeleceu diretrizes para sua preservação, consolidando a cidade como um marco na história da proteção do patrimônio no Brasil. Essa atuação pioneira serviu de base para futuras políticas de conservação, evidenciando que a preservação da memória não é apenas um ato de manutenção física, mas também de valorização cultural e identidade nacional.

Brumadinho a fusão entre a arte e natureza

Em Brumadinho, o Instituto Inhotim proporciona uma experiência singular ao reunir obras de arte contemporânea em meio a um extenso jardim botânico. O local evidencia a importância da relação entre cultura e meio ambiente, promovendo uma reflexão sobre os usos do espaço e a valorização da arte no cotidiano (FERNANDES, 2015). Esse diálogo entre natureza e produção artística cria novas formas de apropriação do espaço e amplia a percepção sobre o papel da arte na construção da identidade local e nacional. O acervo de Inhotim, com obras de artistas brasileiros e internacionais, estimula um olhar crítico sobre temas atuais como globalização e questões ambientais.

Tiradentes A preservação e a tradição em meio ao tempo

Com seu conjunto arquitetônico bem preservado, é um exemplo notável de como a memória pode ser ressignificada e integrada às demandas contemporâneas. Fundada no final do século XVII e conhecida inicialmente como Arraial Velho de Santo Antônio, a cidade possui um acervo que inclui igrejas, casarões e

calçamentos em pedra que resistiram às mudanças ao longo dos séculos (GONÇALVES, 2013). O turismo cultural é hoje um dos pontos principais para a sua economia, mas em contraposição levanta questões sobre os limites entre a preservação e a mercantilização da história. O desafio está em conciliar as práticas de conservação com o desenvolvimento local de forma sustentável e respeitosa à memória coletiva.

Essa experiência reforçou a importância de um olhar crítico e sensível sobre o patrimônio e a cidade. A vivência direta com esses espaços históricos ampliou a percepção de todos os envolvidos sobre o papel da arquitetura e do urbanismo na construção da identidade brasileira, sendo uma base sólida para futuras pesquisas e projetos no campo acadêmico e profissional.

A EXPERIÊNCIA

Por: Lílíana Adrião

Um antigo provérbio latino, prenhe de sabedoria assegura: *Ars longa, vita brevis* - “A arte é longa, a vida é curta”. Sabemos que o conteúdo de sabedoria de um provérbio traz consigo uma verdade que se relaciona com uma reflexão de natureza prática ou moral. Um dos atributos - se é que podemos dar esse rótulo - da verdadeira sabedoria é seu caráter universal, cuja dimensão extrapola o tempo e o espaço e não se submete às rígidas leis dos calendários. Estes comentários vêm a propósito em torno do qual foi desenvolvido o presente estudo: a experiência. Mas o que é a experiência que tanto falamos? A experiência nada mais é do que um ato de encarnação resultante de um encontro de corpos com outros corpos, sejam estes materiais ou não, ela é o que nos acontece. É um jogo de forças que nos atinge, nos atravessa e nos toca em nossa personalidade.

Como dito por Zumthor (2009), mesmo antes de sequer conhecermos a palavra arquitetura todos nós vivemos a arquitetura. Nas experiências memoráveis da arquitetura, o espaço, a matéria e o tempo se fundem em uma única dimensão que molda nossa consciência. Nos identificamos com esses espaços, com esses lugares, com esses momentos e estas dimensões passam a fazer parte de nossa existência. A arquitetura é a arte da reconciliação, afirma Pallasmaa (2006), entre nós e o mundo e esta mediação têm lugar através dos sentidos. Caminhando nessa direção, se deu nosso percurso por Belo Horizonte e suas cidades interioranas, envoltos na experiência intitulada por Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e seus colegas da semana de 1922, *viagem de retorno ao descobrimento do Brasil*, descobrimos. Pautado no *azo fenomenológico* da descrição, intitulo a música “Para Lennon e McCartney”, do cantor e compositor Milton Nascimento como nosso fundo musical e estabeleço o cheiro das árvores de fim de tarde como o cheiro deste percurso, e o percurso? poderia aqui descrevê-lo? Sim, mas isto me tomaria alguns parágrafos aos quais prefiro reservar a vocês, leigos, ou estudantes de arquitetura

com uma mensagem, e delego esta missão descritiva as fotografias aqui expostas, aquilo cujo Pallasmaa coloca como nosso último sentido a ser considerado, a visão. Afinal podemos sim criar narrativas imaginárias ditadas pela forma e meio através do qual a imagem é comunicada. A foto é vulgar, banal, estar por todo lado. E até a foto banal, ao retratar um cenário ou objeto corriqueiro, carrega um olhar intencional que se coloca como um ato de projeto.

E sobre a minha mensagem, retomo uma passagem da sala de aula em que cito uma mensagem do arquiteto Tadao Ando: “Dê o melhor de si, com coragem e determinação. Eu assumo a responsabilidade. Sem emoção não há sucesso.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2010.

BASTOS, Maria Helena Ochi Flexor. **Ouro Preto: História e Patrimônio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FERNANDES, Livia. **Inhotim: Arte Contemporânea e Meio Ambiente**. São Paulo: Editora Senac, 2015.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo: Trajetória da Política Federal de Preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Patrimônio e Identidade Cultural**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

MORAIS, Frederico. **Azulejaria contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações, [entre 1988 e 1990]. 2v.

PALLASMAA, Juhani. **Essências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2006.

WANDERLEY, Ingrid Moura. **Azulejo na arquitetura brasileira: os painéis de Athos Bulcão**. Dissertação de mestrado EESC-USP, 2006.

UNESCO. **Patrimônio Cultural da Humanidade no Brasil: Guia das Cidades Históricas**. Brasília: UNESCO Brasil, 2016.

ZUMTHOR, P. **Atmosferas: Entornos arquitetônicos – As coisas que me rodeiam**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.